

Cristina Arvelos
Jornalista
ca@briefing.pt



Rui Gomes da Silva, sócio fundador da Legalworks

“Temos de dar um pontapé no nosso sistema judicial”

“Se queremos uma economia moderna, temos de dar um pontapé no sistema judicial”, afirma Rui Gomes da Silva, 51 anos, que acha que se legisla demais em Portugal: “Devíamos estar preocupados em encurtar prazos. Não é possível termos processos que duram seis e sete anos. Hoje em dia, quem é malandro acaba por estar mais protegido do que quem não é”

Ramon de Melo



Advocatus | Como se impõe uma sociedade de advogados hoje?

Rui Gomes da Silva | Como outra sociedade. Tem de conhecer bem o mercado, as regras e adaptar-se a factores de maior expansão ou dificuldades. Tem de viver com a realidade. Nesta fase, adaptamos os honorários à capacidade de pagamento dos clientes. Não seria justo não o fazer, pois são pessoas com quem

“O relacionamento é importante para o sucesso das relações profissionais. Está enganado quem julga que a advocacia é uma máquina de produzir contratos, procurações e requerimentos”

mantemos relações profissionais há vários anos e que cresceram connosco. É quase como um casamento.

Advocatus | Valorizaremos afectos...

RGS | Numa sociedade como esta, de média dimensão, é impossível fugir ao relacionamento pessoal. Ou seja: eu não posso colocar-me atrás de um biombo e dizer que os serviços facturaram

determinado preço/hora e que eu não posso sair desse preço. Se estivemos com essas empresas na hora de crescimento e expansão, também estamos na hora das dificuldades.

Advocatus | Está a retratar uma advocacia tipo médico de família...

RGS | Os médicos têm esse relacionamento pessoal e vivem cada um dos casos. Não sou eu próprio que trato de tudo. Temos escritórios em Lisboa e Porto e vários e grandes clientes. Mas faço questão de ter uma relação próxima com cada uma das pessoas que dirige essas empresas. O relacionamento pessoal foi e é importante para o sucesso das relações profissionais. Está enganado quem julga que a advocacia é uma máquina de produzir contratos, procurações e requerimentos.

Advocatus | Quando acha que a crise conhece uma aberta?

RGS | Se soubesse, estava em *Wall Street*. Se fosse tão depressa quanto desejasse, diria que teria terminado. As minhas expectativas são que comece a recuperar no princípio do ano. Os números dizem que estamos próximos de uma recessão, com um crescimento zero, mas espero que isso não se venha a verificar. Há uma discrepância entre a crise financeira e o trabalho dos advogados. Muitas vezes, estas crises significam o crescimento das sociedades de advogados. Não é o nosso caso, pois a nossa advocacia não passa pela parte contenciosa.

Advocatus | Há gente à espera das eleições presidenciais para investir?

RGS | Um momento eleitoral é sempre um ponto de partida para uma retoma. Há muita gente à espera que muita da indefinição política actual se resolva com as presidenciais. Não estou tão certo disso, até pelos poderes que a Constituição dá ao Presidente da República. Não estou a ver o

“Não posso colocar-me atrás de um biombo e dizer que os serviços facturam determinado preço/hora e eu não posso sair desse preço. Se estivemos com essas empresas na hora de crescimento e expansão, também estamos na hora das dificuldades”

PR muito activo nesta tentativa de alteração do quadro político, como aliás tem dito nas entrelinhas. Quem tem de fazer as alterações são os partidos. Como se costuma dizer, é meter pernas ao caminho e fazerem-se à estrada. Todos os resultados eleitorais são possíveis, embora comece a ser perceptível que estamos a chegar ao fim de um ciclo.

Advocatus | Em Portugal não se passa rapidamente de besta a bestial e vice-versa?

RGS | As pessoas em Portugal são muito cáusticas com o exercício do poder. Enquanto os políticos não chegam ao poder, é só elogios. No dia a seguir a lá chegarem, passam a ser responsáveis por todos os males. Eu próprio, depois de ter exercido funções na Assembleia durante 20 anos, cheguei a um governo, e só pelo facto de lá termos chegado éramos condenados. Ainda não tínhamos feito nada e já tínhamos a responsabilidade de tudo. Como diria Guterres, “é a vida”. Quem anda à chuva molha-se, e há que viver com as regras do jogo.

Advocatus | A Comunicação Social tem culpas no cartório?

RGS | A Comunicação Social que contribui para a vitória de um líder é a mesma que o deita abaixo. Porquê? Porque as pessoas são insaciáveis na tentativa de ir substituindo alguém que lhe pareça vá satisfazer os anseios, expectativas, esperanças e sonhos. Mais ainda na situação actual, com tantas dificuldades e problema sem ninguém com a chave miraculosa...

Advocatus | Que memórias tem da experiência governamental?

RGS | Fantásticas. Deixei há pouco tempo a política, por causa do Benfica. Gosto mais do Benfica do que de futebol. Quando fui para o governo percebi a diferença abissal que existe do corredor de deputado da Assembleia da República para o corre-



“Sempre soube o que queria. Posso, em determinadas situações, parecer perdido, mas nunca estive. Nunca estou”

>>>

>>>

dor de ministro, no meu caso dos Assuntos Parlamentares. Só pelo facto de se estar no outro lado do corredor, tem-se uma exposição mediática, fantástica e que obriga a determinados cuidados. Percebi também que ninguém passa pelo governo sem pelo menos tentar tudo para resolver as questões. De vez em quando tem-se menos sucesso por causa do ambiente externo. Mas há sempre a disponibilidade para fazer o melhor.

Advocatus | Porque é que os portugueses não têm essa ideia dos políticos?

RGS | É uma tentação em democracia: minorizar a classe política. Em Portugal há uma tradição anti-parlamentar, que vem desde o tempo da Monarquia, agravada pela Primeira República e mantida pelo Estado Novo. O que acho fantástico é ainda haver pessoas disponíveis, jovens que, apesar disto, acreditam no sonho de contribuir para algo melhor.

Advocatus | Voltava a tentar-se pela política?

RGS | Quem anda na política pensa sempre politicamente. Ainda hoje continuo a achar que tenho em mim sempre subjacente a política. Mas tento evitar comentários políticos. A única coisa que fiz, desde que fui eleito vice-presidente do Benfica, foi apoiar Pedro Passos Coelho à liderança do partido.

Advocatus | Apoiaria uma candidatura de Santana Lopes à Presidência da República?

RGS | Não é uma questão que se ponha agora.

Advocatus | Cavaco Silva é o seu candidato?

RGS | Acho que o professor Cavaco Silva vai ser o meu próximo Presidente da República.

Advocatus | O que acha da Revisão Constitucional?

RGS | Podemos discutir o momento, mas acho que ela vai ter de acontecer. Enquanto a Cons-

“Deixei a política por causa do Benfica. Gosto mais do Benfica do que de futebol. Se há muitos anos, antes de ter sido ministro, me tivessem dado a escolher entre ser vice-presidente do Benfica ou ministro, eu não teria dúvida em escolher ser vice-presidente do Benfica. Sou uma pessoa feliz”

“Adoro ir a tribunal. Quem é advogado só se pode realizar indo a tribunal. Claro que há outros momentos, de negociações de contratos ou quando se ganham concursos públicos, que dão igual prazer e a sensação de dever cumprido”

tituição for motivo de leituras diferentes, consoante se está à esquerda ou à direita, será sempre uma questão controvertida. O ideal será não discutir a Constituição, como os outros países não discutem.

Advocatus | Qual é a mais-valia de ser de direita?

RGS | É ter valores. A evolução caminhou num sentido em que a esquerda que antes queria liberdade hoje quer tudo controlado e dominado, e a direita que queria controlo quer hoje liberdade. Hoje a direita é a grande defensora da liberdade e a esquerda é a defensora da não liberdade.

Advocatus | Aceita o casamento entre duas pessoas do mesmo sexo?

RGS | Não. Voltando à advocacia, o casamento é um contrato definido. Há uma jurisdição definida sobre o que é o casamento. Eu posso dar-lhe outro nome, mas se chamo casamento ao contrato entre duas pessoas do mesmo sexo, retirei o conteúdo do que é o casamento.

Advocatus | Como gere as suas duas paixões: a vermelha, o Benfica, e a laranja, o PSD?

RGS | Nessa perspectiva, paixão só é a vermelha. A laranja é uma opção racional. Paixões são os meus três filhos, fanáticos do Benfica. Tenho um filho de 19 anos que me acompanha e tem vivido comigo muito desta aventura benfiquista. A minha filha do meio tem oito anos e também me apoia. E o mais novo, de três anos, diz que se chama António Gomes da Silva Benfica. O Afonso, a Francisca e o António são verdadeiramente as minhas paixões, além da minha mulher.

Advocatus | Há quantos anos dura a sua paixão pelo Benfica?

RGS | Sou sócio do Benfica desde que nasci, há 51 anos. Se há muitos anos, antes de ter sido ministro, me tivessem dado a escolher entre ser vice-presidente do Benfica ou ministro, eu não



“Ser ambicioso na prática da advocacia e abrir escritório no Funchal, possivelmente já a partir de 1 de Outubro, consolidar Lisboa e Porto. Reconheço que o mercado do Porto é mais difícil e fechado. Espero ainda concretizar algumas parcerias, como a que estamos a estudar com uma sociedade brasileira”

Edição vídeo
desta entrevista
em www.advocatus.pt

teria dúvida e escolheria ser vice-presidente do Benfica. Sou uma pessoa feliz. Tive experiência na política: fui deputado durante 20 anos, vice-presidente do PSD, ministro, membro do Conselho Superior do Ministério Público, dei aulas, vou publicar agora um livro sobre Teoria Geral do Direito Civil. Tendo essa realização, pude aos 50 anos virar a agulha e fazer aquilo que mais gostava.

Advocatus | Gostava de ter José Mourinho como treinador do Benfica?

RGS | O Benfica tem um treinador fantástico, que é o Jorge Jesus. Percebi este ano, que acompanhei mais, o bem que ele vai fazer ao Benfica e ao futebol português.

Advocatus | Gosta de trabalhar?

RGS | Gosto muito de trabalhar e de ser advogado. Adoro ir a tribunal. Quem é advogado só se pode realizar indo a tribunal. Claro que há outros momentos, de negociações de contratos ou quando se ganham concursos públicos, que dão igual prazer e a sensação de dever cumprido.

Advocatus | O que o levou a querer ser advogado?

RGS | Talvez um tio, que foi embaixador e me dizia muito que tinha jeito para a diplomacia. Ao fim de três meses na Faculdade de Direito, percebi que o que gostava mesmo era de arguir em termos jurídicos e de ser advogado.

Advocatus | A justiça é justa em Portugal?

RGS | Tenta ser. Há aqui um problema de tempo. Acho que hoje em dia se legisla muito em Portugal. Não nos devíamos estar a preocupar na legislação, mas sim em tentar encurtar prazos. Não é possível termos processos que duram seis e sete anos. Se queremos uma economia moderna, temos de dar um pontapé no sistema judicial. Se houvesse

um Governo que fizesse da celeridade um objectivo seria extraordinário. Hoje em dia quem é malandro acaba por estar mais protegido do que quem não é.

Advocatus | Gostava de ser ministro da Justiça?

RGS | Nunca pensei e acho que é um cargo tão difícil que não me fascina...

Advocatus | Objectivos até ao final do ano?

RGS | Ser ambicioso na prática da advocacia e abrir escritório no Funchal, possivelmente já a partir de 1 de Outubro, consolidar Lisboa e Porto. Reconheço que o mercado do Porto é mais difícil e fechado. Espero ainda concretizar algumas parcerias, como a que estamos a estudar com uma sociedade brasileira.

Advocatus | Angola?

RGS | As pessoas devem fazer bem o que sabem. Não é um mercado que actualmente necessite muito do tipo de advocacia que faço, nem eu tenho neste momento capacidade para abrir um escritório e fazer uma parceria em Angola.

Advocatus | O sucesso tem segredo?

RGS | Trabalho, determinação e clareza de objectivos. Sempre soube o que queria. Posso, em determinadas situações, parecer perdido, mas nunca estive. Nunca estou.

LAZER

Jamba, castelos de areia e barriga

Se não fosse advogado, político e vice-presidente do Benfica, Rui Gomes da Silva seria piloto de aviões. Ia no avião que caiu na Jamba em 1989, o mesmo em que iam João Soares e Nogueira de Brito. Não deixou de ter medo de andar de avião, mas também não deixou de andar de avião. "Podemos dizer que renascemos na Jamba. A vida muda nos três meses a seguir à recuperação, mas depois esquecemo-nos e continuamos na mesma correria do dia-a-dia", diz. Este Verão, tentou compensar a família do tempo que não está com ela durante o ano e construiu castelos na areia na praia com o filho mais novo - além de sair à noite, jogar golfe e juntar amigos à roda de uma mesa. "Tenho menos barriga do que os meus amigos, mas mais do que gostaria", conclui.



"Até ao final do ano, quero abrir escritório no Funchal, possivelmente já a partir de 1 de Outubro, e espero concretizar algumas parcerias com uma sociedade brasileira"